

Abaixo Ortega! Fora ditador assassino!

Quando, em 18 de abril de 2018, estudantes nicaraguenses começaram a se mobilizar nas ruas do país para protestar contra a reforma da Previdência Social em apoio aos aposentados, ninguém podia dizer que esse movimento se transformaria numa verdadeira revolta popular contra o governo de Daniel Ortega, da vice-presidente (e sua esposa) Rosario “Chayo” Murillo e da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

A reação do governo às primeiras mobilizações foi brutal. A polícia reprimiu violentamente os estudantes usando armas de fogo, ajudada pelos grupos armados da Juventude Sandinista e as chamadas “turbas sandinistas”, grupos paramilitares ligados ao governo. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) contabiliza, até agora, 76 mortos pelas forças de repressão e centenas de feridos e presos.

A repressão teve efeito inverso: os estudantes ocuparam as universidades e as escolas técnicas; foram erguidas barricadas nos bairros populares; a população reagiu com armas improvisadas, prédios públicos foram incendiados e as manifestações se multiplicaram nas principais cidades, sendo que a jornada mais expressiva chegou a reunir mais de 200 mil pessoas em todo o país.

O governo recuou da reforma da Previdência, mas as mobilizações passaram a ter um objetivo mais importante: derrubar o governo ditatorial. A palavra de ordem central de todas as manifestações passou a ser “Fora Ortega!”.

O presidente está tratando de salvar o seu governo desmobilizando a luta por meio de um “diálogo” nacional proposto pela Conferência Episcopal da Nicarágua (CEN) e pelo Conselho Superior da Empresa Privada (COSEP), a principal organização da burguesia nicaraguense. Ambas organizações não colocam como condição a saída da família Ortega do poder. No entanto, o diálogo não é o objetivo de Ortega, mas sim tentar ganhar tempo para esmagar o movimento estudantil e popular e conservar o seu poder.

A situação da Nicarágua e a luta popular para derrubar a ditadura do casal Ortega e da FSLN divide águas na esquerda. A chamada esquerda bolivariana mais extremada afirma que a revolta popular seria articulada pela CIA e pela direita nicaraguense com o objetivo de desestabilizar mais um governo progressista, a exemplo da Venezuela e do pretense golpe no Brasil.

Nada mais falso! O governo Ortega é uma ditadura sanguinária, exploradora e entreguista do país ao imperialismo. Por isso, toda a esquerda latino-americana está obrigada a escolher um lado: ou com a heroica luta do povo nicaraguense contra a repressão e a exploração ou com uma ditadura que tenta se esconder atrás de uma falsa fachada progressista. O Andes deve ter um lado: o dos estudantes, camponeses e trabalhadores que estão lutando nas ruas.

Assinam: Ana Luiza Figueiredo - Diretora do Sintrajud, Inês Leal de Castro - diretora licenciada do Sintrajud, Eliseu Trindade - diretor suplente do Sintrajud, Angelica Olivieri - Executiva Estadual da CSP Conlutas, Raquel Morel - TRE SP, Ronald Fumagalli - JT Barra Funda, Cléber Borges Aguiar - TRF 3ª Região, João Carlos Carvalho -JF Marília, José Carlos Sanches - JF Franca, Ely Verissimo – TRE SP, Antônio Carlos - Execuções

52 Fiscais da JF, Cleide Navas – Aposentada do TRF, Saulo Arcangeli – Coordenador
53 licenciado da Fenajufe e do Sintrajufe, Euler Pimentel – Presidente do Sintrajufe/PE,
54 Fagner Loyola – Sintrajufe/RS, Elcimara Augusto de Souza – Coordenadora licenciada da
55 Fenajufe, Paulo Falcão – Coordenador licenciado do Sindjus/AL.